

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

DENIZE REFATTI

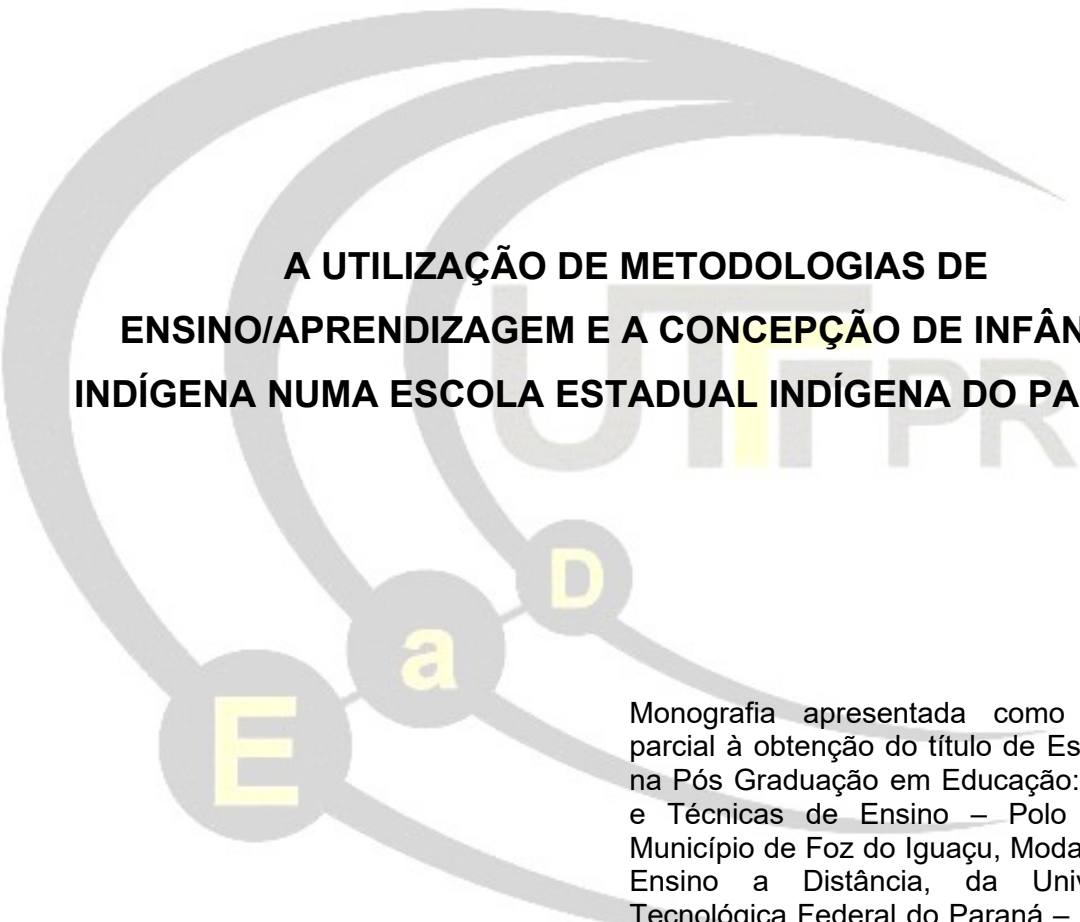
**A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS DE ENSINO/APRENDIZAGEM E  
A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA INDÍGENA NUM A ESCOLA  
ESTADUAL INDÍGENA DO PARANÁ.**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2018

DENIZE REFATTI



**A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS DE  
ENSINO/APRENDIZAGEM E A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA  
INDÍGENA NUMA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA DO PARANÁ.**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

**EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA** Orientador: Prof. Dr. Lairton Moacir Winter

MEDIANEIRA

2018



Ministério da Educação

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de  
Ensino



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

A utilização de metodologias de ensino/aprendizagem e a concepção de infância indígena numa escola estadual indígena do Paraná.

Por

**Denize Refatti**

Esta monografia foi apresentada às 14:00h do dia 09 de Julho de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Prof. Dr. Lairton Moacir Winter  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
(Orientador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Fátima M. Nicodem  
UTFPR – Câmpus Medianeira

---

Prof. Me. Cidmar Ortiz dos Santos  
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso.-

Dedico esta pesquisa aos Ava-guarani do Ocoy.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que de alguma maneira contribuíram com o desenvolvimento e conclusão dessa pesquisa.

Ao meu orientador Professor Dr. Lairton Moacir Winter pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa, pelas assertivas contribuições e comentários construtivos.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e à distância que me auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a minha família e meus amigos, principalmente minha irmã Alcione que além de ser uma irmã maravilhosa também foi uma colega de curso muito especial com quem pude dividir as experiências e vivências no decorrer de todas as etapas desta pós-graduação.

“No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é!” (EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO)

## **RESUMO**

REFATTI, Denize. A utilização de metodologias de ensino/aprendizagem e a concepção de infância indígena numa escola estadual indígena do Paraná. 2018. 32 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e

Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

Este trabalho teve como temática as metodologias de ensino/aprendizagem e a concepção de infância indígena, no qual investigou-se através da revisão bibliográfica e da aplicação de questionários, sobre quais as principais metodologias utilizadas pelos professores indígenas e não indígenas numa Escola Estadual Indígena . Compreende-se a infância indígena a partir das perspectivas ameríndias que consideram as crianças como seres completos e autônomos. Nesse sentido, entende-se como de fundamental importância a utilização de metodologias que compreendam e valorizem as experiências e vivências dos alunos indígenas.

**Palavras-chave:** educação – guarani- técnicas de ensino.

**ABSTRACT**

REFATTI, Denize. The use of teaching / learning methodologies and the conception of indigenous children in the Escola Estadual Indígena. 2018. 32p. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

This work had as its theme the teaching / learning methodologies and the conception of indigenous childhood, in which it was investigated through the bibliographic review and the application of questionnaires, on which the main methodologies used by indigenous and non-indigenous teachers in the Escola Estadual Indígena. It is understood the indigenous childhood from the Amerindian perspectives that consider the children as complete and autonomous beings. In this sense, it is understood as of fundamental importance the use of methodologies that understand and value the experiences and experiences of indigenous students.

**Keywords:** education – guarani- teaching techniques

## SUMÁRIO



<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
2.1	Breves considerações sobre a concepção de infância indígena.....	12
2.2	O projeto da educação indígena no Brasil.....	15
2.3	A quem servem as escolas nas aldeias? Desafios metodológicos da escola indígena.....	18
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>23</b>
3.1	Local da pesquisa.....	23
3.2	Tipo da pesquisa.....	24
3.3	População e amostra.....	24
3.4	Instrumentos de coleta de dados.....	24
3.5	Análise dos dados.....	24
<b>4</b>	<b>COMENTÁRIOS FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>
	<b>APÊNDICE A – Questionário para Docentes.....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A luta dos povos indígenas por uma educação diferenciada que compreenda o tempo, o espaço e a cultura de cada etnia, deve ser entendida como uma questão legítima, não apenas em alguns artigos da legislação brasileira de educação e nas discussões acadêmicas, mas na real possibilidade de fazer educação a partir da perspectiva ameríndia. Nesse sentido, este trabalho de conclusão de curso busca contribuir com esse debate, investigando as diferentes metodologias de ensino utilizadas numa Escola Estadual Indígena do Paraná.

Entende-se que a educação não se restringe apenas à instituição escolar, e especialmente em comunidades indígenas a transmissão de saberes é um processo contínuo de falar/escutar/fazer, que acontece sem hora marcada, envolvendo diversos membros da comunidade e espaços. Trata-se de um processo que extrapola os bancos da sala de aula, as hierarquias de saberes e os modelos canônicos de ensino/aprendizagem que delegam a alguns o poder de ensinar e a outros a obrigação de aprender.

No entanto, o reconhecimento desses saberes tradicionais pelos membros da comunidade não exclui a possibilidade de outras formas de conhecimento, como as escolas “formais”, reivindicadas por muitos grupos indígenas no contexto brasileiro. Essas escolas devem funcionar em espaços indígenas, dedicando-se a uma abordagem que aproxime os saberes escolares dos saberes indígenas e que perceba o aluno indígena como um sujeito autônomo, respeitando o projeto da educação indígena diferenciada e intercultural.

Visto dessa forma a interculturalidade pode ser entendida como um projeto tanto educativo quanto político, pensando a educação de forma integrada com seus contextos sociais e, por isso mesmo, capaz de possibilitar um diálogo horizontal entre as culturas, eliminando as hierarquias sociais que privilegiam algumas culturas em detrimento de outras, priorizando alguns conteúdos e metodologias e anulando outros.

Atualmente a escola pesquisada atende, aproximadamente, 300 alunos, contando com: Ensino fundamental e médio no período matutino, séries iniciais e pré-alfabetização no período vespertino e a modalidade de alfabetização,

ensino fundamental e médio para jovens e adultos (EJA) no período noturno. As lideranças indígenas, frequentemente, defendem a importância de a escola se tornar um espaço verdadeiramente indígena, com professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários guarani, mas, devido à falta de professores indígenas com formação em ensino superior o quadro de professores é ocupado quase que totalmente por professores não indígenas, assim como os cargos de coordenação e a direção da escola.

Objetiva-se propor uma reflexão sobre as técnicas e métodos de ensino utilizadas pelos professores indígenas e não indígenas dessa Escola Estadual Indígena, buscando compreender se há uma preocupação da equipe docente com o projeto da educação indígena diferenciada, principalmente no que se refere a necessidade de compreensão de que os alunos indígenas são sujeitos autônomos e culturalmente diferenciados e que portanto necessitam de metodologias diferenciadas de ensino/aprendizagem.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o objetivo de propor uma reflexão sobre as técnicas e métodos de ensino utilizadas pelos professores indígenas e não indígenas de uma Escola Estadual Indígena, busca-se compreender se há uma preocupação da equipe docente com o projeto da educação indígena diferenciada, principalmente no que se refere à necessidade de compreensão de que os alunos indígenas são sujeitos autônomos e culturalmente diferenciados e que, portanto, necessitam de metodologias diferenciadas de ensino/aprendizagem. Para tanto, a fundamentação teórica do artigo estrutura-se em três discussões fundamentais:

- A problematização do conceito de infância, buscando demonstrar que, por se tratar de uma cultura diferenciada, há a necessidade de se pensar os alunos levando em consideração suas especificidades e perspectivas de mundo, de modo que as metodologias utilizadas em sala de aula não podem ficar alheias a estas diferenças.
- A educação indígena, buscando fazer uma breve apresentação de como se deu a luta dos povos indígenas por uma educação diferenciada que respeitasse seus modos de vida e suas relações próprias com o saber.
- Análise de dados, onde discute-se as respostas dos professores nos questionários, destacando a importância da utilização de metodologias diferenciadas em escolas indígenas.

### 2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA INDÍGENA

Não é raro nos depararmos com pessoas, livros, ou mesmo programas de televisão, proferindo dicas sobre a melhor maneira de se educar uma criança. Manuais que ensinam os pais a criar seus filhos, como devem ser as represálias, as manifestações de carinho, qual o melhor momento de matriculá-los na escola, de aprenderem uma nova língua, de praticarem algum esporte. Essas cenas se tornam comuns porque em nosso contexto a criança é percebida fundamentalmente como um ser que precisa de cuidado, tutela e

proteção. No entanto, outras culturas percebem o universo infantil de maneira bastante diferenciada, como por exemplo, as crianças indígenas que, desde pequenas, são livres para brincar, caçar, pescar, conversar com toda a comunidade desde os mais novos até os idosos e descobrir todos os espaços da aldeia.

Assim, sem objetar a importância dos modelos pedagógicos convencionais da cultura não-indígena em relação à educação da criança, este artigo tem como base teórica especialmente alguns trabalhos recentes da antropologia que se voltam ao aprendizado e à infância ao passo que ressaltam a importância de se atentar para a participação ativa das crianças na vida social e na construção de sentidos a partir da sua vivência e interação. São estudos que possibilitam entender a infância como um mundo relativamente autônomo que tem validade por si, nas experiências e vivências das crianças, na forma como percebem o mundo em que vivem. (COHN, 2000, p.196).

Ou seja, são estudos que conferem o importante papel de agência às crianças, sendo o ambiente infantil capaz de repercutir nas relações do cotidiano da vida adulta, além de se organizar por dinâmicas e regras próprias que definem o universo infantil como exclusivo e autorregulado, em lugar de um reflexo do mundo adulto, como era compreendido.

Tais concepções podem ser observadas no trabalho de Camila Codonho ao estudar as crianças Galibi-Marwono no Amapá. Entre os Galibi-Marwono, as crianças são compreendidas na qualidade de atores sociais, porque atuam sobre as suas próprias regras e a partir delas criam uma refinada percepção do mundo que as cerca. (CODONHO, 2009, p.156). A autora ainda observa que estas crianças possuem maneiras específicas de enxergar sua sociedade que é expressa pelas suas atitudes diante dos adultos e de outras crianças e que revelam importantes facetas da cultura em que estão inseridas. Nesse contexto, as crianças não são percebidas como meras reproduzidas da vida adulta, mas como relevantes agentes sociais, ou seja, seres sociais plenos.

É válido lembrar que o caráter autônomo das crianças não é um fenômeno exclusivo das sociedades indígenas. Embora em muitos contextos as crianças estejam sobrecarregadas por rotinas diárias, geralmente envolvendo afazeres escolares, lúdicos e atividades de contraturnos que contam com proteção, segurança e a presença de algum adulto responsável,

outras parcelas da população em contextos rurais, ou mesmo em determinados espaços urbanos, entendem e convivem com as crianças de forma diferenciada.

Florestan Fernandes retrata um exemplo dessa relativa autonomia infantil ao falar sobre as “trocinhas” (grupos formados nas ruas) do Bom Retiro, num trabalho pioneiro que abordava elementos do folclore brasileiro, escrito em 1944. Neste texto escreve sobre cultura infantil, cujo suporte social consiste nos grupos infantis considerando que o mundo das crianças é constituído de elementos culturais quase exclusivos e caracterizado por uma natureza lúdica.

São nesses grupos que se iniciam os contatos das crianças com o meio social, de maneira mais livre e íntima. De acordo com Florestan Fernandes (1944), as relações sociais das trocinhas, apresentam-se perfeitamente organizadas e regulamentadas em seus traços mais gerais, onde é possível observar-se diferenciações por gênero, classe social, sistemas de hierarquia e punições (FERNANDES, 1944, p.247). As trocinhas também são responsáveis por certa conexão entre o mundo infantil e o mundo adulto. As ações das crianças repercutem na vida adulta de forma que através delas criam-se amizades e inimizades entre os adultos.

Como exemplos citados até aqui demonstra-se a possibilidade de existências de várias formas de vivenciar a infância, no intuito de desnaturalizar a crença numa infância frágil, descomprometida e vigiada, em detrimento de uma infância que pode ser autônoma carregada de responsabilidades que influenciam nas relações sociais dos grupos a que pertencem. Nesse contexto, a criança é entendida como agente, plena de competências e habilidades, capaz de construir suas relações e dar sentidos a elas.

Uma vez que entende-se essa diversidade de se vivenciar a infância, torna-se necessário pensar em estratégias que permitam que essas vivências sejam respeitadas também no espaço escolar. Portanto, uma educação diferenciada que por direito é garantida às crianças indígenas, torna-se de fundamental importância para atender as especificidades dessas comunidades, por esse motivo o professor ao preparar suas aulas, e ao aplicá-las deve levar em consideração esse desenvolvimento da autonomia da criança indígena e contribuir para que estas características sejam respeitadas e não apagadas ou

reduzidas às lógicas do tempo cronológico ocidental que determina e reduz alguns saberes à idade de cada criança.

## 2.2 O PROJETO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL

A partir da problematização do conceito de infância apresentado anteriormente, onde se buscou apresentar a concepção de infância indígena apontando não apenas para diferenças culturais, mas também fazendo um convite para se pensar diferentes epistemologias, ontologias e perspectivas de vida, entende-se a consequente necessidade de se pensar em uma educação diferenciada, bem como da utilização de metodologias de ensino/aprendizagem que leve em conta estas diferenças. Nesse sentido surge a seguinte questão, o que podemos entender por “educação indígena”?

Para que se possa entender o real significado desta especificidade da educação, é necessário que se conheça o contexto histórico enfrentado pelas populações indígenas e sobre os obstáculos que alunos, professores e os povos indígenas de todo o Brasil enfrentaram e ainda enfrentam para ter garantido o seu direito a uma educação diferenciada, que respeite a cultura, a religiosidade e a língua de cada etnia.

Pode-se afirmar que a relação dos povos indígenas do Brasil com a educação escolar tem uma longa trajetória e deu seus primeiros passos no período da colonização brasileira, principalmente a etnia guarani que se relacionou de forma intensa com as ordens religiosas que se espalharam pelo país levando conhecimentos como a leitura, a escrita, a música, a pintura, mas principalmente, objetivando cristianizar e “civilizar” estes povos que até então eram considerados selvagens. Nesse sentido, as companhias Jesuíticas não só não estavam preocupadas com a cultura dos povos indígenas, como buscavam apagar todos os traços da cultura, impondo-lhes uma nova ordem social. Muitos aldeamentos propunham a convivência entre povos diferentes e estimulavam casamentos inter-étnicos, o ensino praticado centrava-se na catequese, sendo totalmente estruturado sem levar em consideração os princípios tradicionais da educação indígena, bem como as línguas e as culturas desses povos. (SECAD, C., 2007)

O segundo momento importante na história da educação indígena no Brasil se deu com a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) em 1910, sendo substituído em 1967, pela Fundação Nacional do Índio (Funai). De acordo com Conh (2005), com o SPI a educação assume papel fundamental no projeto republicano de integração do índio à sociedade nacional por meio do trabalho. O objetivo era que os indígenas se tornassem produtores de bens de interesse comercial para o mercado regional e como consumidores, ou seja, eram lhes oferecidos serviços educacionais para mudar o que são, e para serem integrados à sociedade que os envolve.

Mais tarde, com constituição de 1988, os direitos indígenas foram assegurados a fim de garantir uma melhora na qualidade de vida e valorização de seu contexto histórico, entre eles a questão da sua organização social, cultural, língua, e tradição, respeitando as necessidades e especificidades de cada etnia. É nesse contexto que tem início o que se convencionou chamar de educação diferenciada.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, a educação indígena dá um passo à frente, uma vez que a LDB defende o direito a uma educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com currículo, projeto pedagógico, material didático e formação específica de professores, como pode-se observar a seguir:

**Art. 78.** O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias. (BRASIL, 1996)

Outro marco na história da educação indígena que vale a pena ser destacado foi a elaboração do Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas (RCNEI) em 1998. O Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas, que foi escrito por líderes indígenas de todo país, professores, especialistas em educação surge para auxiliar, entre outros, a Secretaria de



Educação na elaboração de um Currículo voltado para os interesses e particularidades de cada etnia indígena.

Com a elaboração deste documento os povos indígenas objetivam:

a) a elaboração e implementação de programas de educação escolar que melhor atendam aos anseios e interesses das comunidades indígenas, b) a formação de educadores capazes de assumir essas tarefas e de técnicos aptos a apoiá-las e viabilizá-las. (RCNEI, 1998, p.13)

Portanto, este documento tem a finalidade de auxiliar na melhoria da qualidade do ensino indígena, possibilitando que a sua cultura, os costumes, a fala e a escrita possam ser respeitadas, de forma a realizar um intercâmbio com os conhecimentos não indígenas, sem nenhum tipo de juízo de valor que considere os conhecimentos ocidentais como superiores. Busca-se a efetivação dos direitos dos povos indígenas de estabelecerem as suas formas particulares de organização social, privilegiando suas necessidades culturais e garantindo assim que a escola não se torne um “Ser exógeno” dentro das aldeias, ou seja, uma instituição estrangeira que os alunos frequentam apenas por obrigação e que não se aproxima em quase nada com a realidade que os alunos indígenas vivenciam no dia-a-dia.

E como esses direitos são garantidos no cotidiano das escolas indígenas?

Um ponto fundamental e que diz respeito a um dos objetivos desse artigo, são as metodologias. Em qualquer contexto escolar as metodologias utilizadas pelos professores devem ser pensadas e planejadas para que os alunos possam ter o maior aproveitamento possível dos conteúdos, levando em conta seus conhecimentos prévios, o tempo e os modos de aprender de cada aluno. Em se tratando de educação indígena, é necessário que, além destes esforços, as metodologias estejam em consonância com a cultura da etnia onde se está ensinando; é preciso levar em consideração os modos de aprender de cada aluno, bem como a valorização dos saberes tradicionais indígenas.

Outro ponto fundamental da educação indígena, são os currículos escolares, que devem estar voltados para as necessidades de cada comunidade. O mesmo deve abordar uma visão voltada para a importância da cultura indígena, levando em conta o contexto histórico próprio de cada etnia e

comunidade, e destacando a valorização da cultura e da língua indígena. Para tanto, é de fundamental importância que nas escolas os professores trabalhem privilegiando um currículo próprio que permita explorar as especificidades da comunidade, ou seja, se desprender dos currículos impostos ao longo dos anos, dos quais de forma padronizada vêm igualar todos os tipos de educação, sem levar em consideração uma série de outras formas de conhecimento, como artesanato, cuidados com a terra, plantas medicinais, religiosidade, danças, esportes indígenas, entre outros.

### 2.3 A QUEM SERVEM AS ESCOLAS NAS ALDEIAS? DESAFIOS METODOLÓGICOS DA ESCOLA INDÍGENA

Como apontado anteriormente, a educação indígena está construída sob bases diferentes do que podia-se chamar de modelos de educação ocidental. Apesar das escolas indígenas serem uma reivindicação das próprias populações indígenas, deve-se entender que a proposta destas populações não é apenas levar a educação escolar para dentro das aldeias, mas sim que as escolas possam contribuir com a manutenção da língua e da cultura indígena, além de passar para os alunos os conteúdos básicos presentes no currículo escolar.

Ainda não é possível contar-se com um projeto pronto de educação indígena que pudesse servir de modelo para todas as escolas indígenas, no entanto, pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento estão se dedicando em promover uma educação intercultural de qualidade que possa atender as reivindicações dos povos indígenas, a respeito da construção de novas propostas curriculares para suas escolas, que possam substituir os modelos de educação que ao longo da história foram impostos aos indígenas e que não correspondem aos interesses políticos nem às pedagogias das suas culturas, garantindo assim aos povos indígenas o direito de estabelecerem formas particulares de organização escolar. (RCNEI, 11)

Nesse sentido, uma questão fundamental que deve ser levada em consideração nos projetos de educação indígena é a autonomia desses povos frente a tudo que se relaciona às escolas. Os indígenas precisam poder ocupar o papel de agentes em todo o processo educacional, ocupando cargos de

gestores, professores, secretários, agentes educacionais, e qualquer outro cargo que esteja relacionado a escola. Esta é uma estratégia importante dos povos indígenas para que seja possível tornar a escola cada vez mais um espaço a favor da cultura e não contra ele, onde os sujeitos indígenas possam ter autonomia na escolha dos conteúdos, nos modos de avaliação e, principalmente, das metodologias utilizadas para ensinar, que precisam apoiar e reforçar as práticas pedagógicas indígenas.

Este modo de se pensar a educação para os povos indígenas recebeu ao longo dos anos diferentes nomenclaturas, como educação escolar indígena, educação diferenciada ou educação intercultural, mas que em linhas gerais se referem à mesma coisa. De acordo com o pesquisador indígena Gersem Baniwa, da etnia Baniwa, apesar da utilização de termos diferentes todos estes termos dizem respeito aos:

Processos de transmissão e produção de conhecimentos não-indígenas e indígenas por meio da escola, que é uma instituição própria dos povos colonizadores. A educação escolar indígena refere-se à escola apropriada pelos indígenas para reforçar seus projetos socioculturais e abrir caminhos para o acesso a outros conhecimentos universais, necessários e desejáveis, a fim de contribuir com a capacidade de responder às novas demandas geradas a partir do contato com a sociedade global (BANIWA, 2006, p. 129).

Diante destes desafios, surge uma questão fundamental: como ensinar nas escolas indígenas? Essa questão é lançada principalmente para os professores não indígenas, que em algumas escolas ainda são a maioria a ocupar os cargos de professores - como é o caso da escola pesquisada neste trabalho - mas também para professores indígenas.

De acordo com o RCNEI, o projeto de uma educação indígena que seja verdadeiramente intercultural reivindica:

Metodologias de pesquisa que envolvam um trabalho coletivo, resultado de um compromisso com a comunidade, a qual, discutindo com seus alunos e entre seus parentes, vai definindo os atuais e futuros rumos de um projeto educativo, como parte dos demais projetos comunitários. Não há dúvida de que isso passa a exigir o acesso a novas fontes de conhecimento, a espaços e metodologias de pesquisa, para os quais os desafios e exigências são grandes e complexos. (RCNEI, 66)

Partindo desta citação, pode-se observar a necessidade de utilização de metodologias diversificadas para aproximar os conteúdos trabalhados à

realidade e à cultura dos alunos indígenas, e sobre a importância da equipe escolar manter um diálogo constante com os membros da comunidade, lideranças, cacique, anciões, principalmente, com as lideranças religiosas e com a casa de reza. É muito importante que professores, indígenas e não indígenas, estejam dispostos a trabalhar com metodologias que respeitem o tempo e o espaço de cada aluno, ou seja, torna-se necessário pensar em metodologias que compreendam o volume de conteúdos a ser repassado aos alunos, entendendo que se priorizarem métodos que privilegiam a quantidade em detrimento da qualidade, não haverá um aproveitamento completo daquilo que se busca ensinar.

Assim, é de fundamental importância que os professores busquem alternativas para ensinar além dos espaços escolares, de modo que os alunos não fiquem apenas restritos às paredes das salas de aula. Por exemplo, pode-se utilizar como metodologias de várias disciplinas saídas a campo, nas quais os alunos possam percorrer os lugares da aldeia ao passo que aprendem noções de biologia, geografia, sociologia, matemática e qualquer outra disciplina em que o professor esteja disposto a manter este diálogo com a cultura indígena. Esta é a proposta da educação intercultural, baseada na ideia de intercâmbio entre ciência e saberes locais, da interdependência entre teoria e prática socioculturais, da interaprendizagem, da negociação entre pessoas de culturas diferentes, baseada no princípio fundamental do diálogo e do respeito. (SOLANO, FÉLIX, 2014, p. 68)

Recuperando a discussão feita anteriormente sobre autonomia da infância indígena, é mister destacar que esta é uma questão importante a ser levada em consideração ao se pensar em metodologias de ensino. Uma porcentagem considerável dos alunos que frequentam a escola, o fazem por vontade própria, os pais acompanham pouco o aproveitamento e a frequência de seus filhos e muitos dos alunos que frequentam o ensino fundamental e médio já são eles mesmos, pais e mães<sup>1</sup>.

Muitas das meninas que já são mães levam seus filhos para a escola, e as crianças permanecem em sala de aula durante o decorrer da aula. Enquanto

---

<sup>1</sup>Estas informações estão baseadas na minha experiência como professora de Sociologia na Escola Indígena Teko Nemoingo e numa pesquisa de campo realizada em 2013 para a qual morei na aldeia Ocoy durante quatro meses. A dissertação de mestrado, fruto desta pesquisa pode ser acessada em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/75030/browse?value=Refatti%2C+Denize&type=author>

são pequenas, elas permanecem em carrinhos de bebês (fornecidos pela escola), redes improvisadas ou cobertas colocadas no chão, ao passo que quando estão um pouco maiores, passam a interagir com a turma, saem sozinhas da sala de aula para brincar no pátio e voltam quando sentem vontade. O cuidado dessas crianças não fica restrito à mãe, uma vez que quase todos os colegas de turma (meninos e meninas) contribuem, olhando e cuidando a criança. Entretanto, esta dinâmica de levar os filhos para a escola é mais das meninas, ainda que em raros casos os meninos também levem seus filhos para a sala de aula.

Em contrapartida, alguns desses meninos e meninas que se tornam pais, deixam de frequentar a escola quando isso acontece, outros abandonam as aulas pela necessidade de trabalhar fora da aldeia, ou mesmo de ajudar em casa, nos afazeres como roçado, artesanato e outros. Para que isso não seja uma dinâmica comum nas escolas indígenas, é preciso que se criem estratégias capazes de diminuir a evasão escolar, sendo que uma destas estratégias é tornar a escola um ambiente mais atrativo para o aluno e a maneira mais interessante de fazer isso, é através da utilização de metodologias de ensino diferenciadas.

É de fundamental importância que o professor de uma escola indígena elabore o planejamento das suas aulas pensando nessas especificidades dos alunos, de modo que o planejamento esteja articulado com as questões culturais do grupo. De acordo com Teodoro (2010, p.09), as metodologias utilizadas pelos professores devem estar relacionadas com a concepção pedagógica da escola, com a visão de educação, de homem e de sociedade que ela propõe. Além de serem construídas criticamente a partir de uma reflexão da prática escolar e das relações sociais da comunidade na qual a escola se insere.

Nesse sentido, ressalta-se mais uma vez que o professor de uma escola indígena precisa pensar em metodologias que contribuam com o aprendizado do aluno, mas que também respondam aos anseios da comunidade e que estejam em consonância com as perspectivas culturais de cada etnia.

E como fazer isso? Uma alternativa interessante de ferramenta metodológica pode ser o uso de tecnologias na escola, que segundo Moran:

O uso de tecnologias na educação, a ser consideradas como elementos estruturantes de um outro modo de pensar a educação, mediada pela Tecnologia e esta submetida aos objetivos pedagógicos, com o objetivo de expressar a diversidade cultural e à realidade em que cada escola se insere, a diferentes metodologias usando recursos. (2000, p. 137)

Ainda que no imaginário popular o indígena ocupe um lugar de atrasado, ou que, baseadas em senso comum, muitas pessoas defendam a ideia de que os indígenas que possuam acesso a tecnologias como televisores, celulares, tablets, computadores e outros, não são mais indígenas “puros”, estas são premissas falsas sobre a identidade indígena. Ressalta-se que o uso dessas tecnologias nada tem a ver com “pureza étnica”, uma vez que essas ferramentas são utilizadas em consonância com a cultura. As populações indígenas se apropriam desses instrumentos como qualquer outra cultura o faz, e os utilizam para diferentes fins, que não colocam em risco a cultura ou a identidade indígena. Assim, conversam na língua materna utilizando aparelhos celulares, utilizam redes sociais para conversar com “parentes<sup>2</sup>” que moram em aldeias em outras cidades, estados e até mesmo país.

Na aldeia onde se localiza a escolagrande parte das famílias indígenas possui televisores, no entanto, um número muito pequeno delas possui computadores e acesso à internet. Portanto, considera-se de fundamental importância também o uso de tecnologias na escola indígena, uma vez que, na maioria dos casos, a escola é o único espaço onde o aluno poderá ter contato com determinadas tecnologias. É muito importante que aprendam a pesquisar nos computadores, dominar as ferramentas básicas de informática e internet e para tanto, muitas vezes, ao usar uma tecnologia com os alunos o professor, antes de tudo, precisa ensinar-lhes essas noções básicas.

Cita-se o exemplo de uma metodologia utilizada com os alunos do ensino médio da Escola nas aulas de sociologia e filosofia, utilizando a tecnologia como recurso metodológico. Os alunos criaram vídeos (no estilo Youtuber) falando sobre a cultura guarani e sobre o cotidiano deles na aldeia. O objetivo era mostrar como vivem os adolescentes indígenas, tratando sobre músicas, esportes, comidas, experiências escolares, religiosidade e qualquer momento que desejassem compartilhar. A experiência foi muito interessante e permitiu aos alunos aprender a mexer em câmeras e computadores, ao passo

---

<sup>2</sup> Categoria nativa utilizada pelos Ava-guarani para se referir a outros Ava-guarani, tendo estes, laços consanguíneos ou não.

que aprendiam noções de sociologia e filosofia e refletiam sobre a própria cultura, no entanto, os vídeos não foram disponibilizados em nenhuma plataforma on-line, uma vez que não foi possível conseguir autorização de todas as famílias dos alunos envolvidos.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 LOCAL DA PESQUISA**

A pesquisa foi realizada numa Escola Estadual Indígena , localizada na estado do Paraná. Segundo dados (2006) do Instituto Socioambiental a área consiste numa estreita faixa de terras com extensão de 251 ha<sup>3</sup>, onde moram aproximadamente 800 indígenas, de modo que grande parte dos moradores é falante da língua guarani, sendo que os mais idosos e algumas mulheres falam e entendem apenas esta língua. No entanto, a proximidade do aldeia com o Paraguai e a Argentina, bem como os deslocamentos de seus moradores para aldeias nesses países, contribuem para o fato de que grande parte dos moradores se comunique, também, em espanhol, além do português.

A área no entorno é povoada por descendentes de imigrantes europeus, principalmente alemães, que trabalham na agricultura em pequenas ou grandes propriedades. Alguns indígenas trabalham nessas propriedades na preparação da terra para o plantio, colheita (principalmente de mandioca, que ainda é feita manualmente), nos períodos de “carpida”, nos aviários, na produção leiteira e na produção de carvão vegetal, entre outros serviços.

Em 2001 foram criadas na aldeia as primeiras instalações da escola, que funcionava num ambiente improvisado e pelas poucas condições atendia apenas os alunos de séries iniciais, sendo que os alunos interessados em cursar o ensino fundamental e médio, deveriam se deslocar até a escola da vila mais próxima.

---

3 Dado pesquisado no site do Instituto socioambiental. (acesso 10/02/2018 às 20:43 horas).

Hoje a escola atende aproximadamente 300 alunos, do Ensino fundamental e médio no período matutino, séries iniciais e pré-alfabetização no período vespertino e a modalidade de alfabetização, ensino fundamental e médio para jovens e adultos (EJA) no período noturno. A escola tem instalações próprias construídas com verbas federais, estaduais e municipais.

### 3.2 TIPO DA PESQUISA

A metodologia proposta para o desenvolvimento desta pesquisa compreende, basicamente, pesquisa bibliográfica, documental, entrevistas e pesquisa de campo. Foi realizada principalmente com base na metodologia utilizada em pesquisas antropológicas, ou seja, no método etnográfico, que têm como principal instrumento a observação participante e o diário de campo, podendo-se utilizar também entrevistas abertas e/ou semiestruturadas.

### 3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Esta pesquisa busca investigar sobre as metodologias utilizadas por professores indígenas e não-indígenas numa Escola Estadual Indígena. Portanto, objetivou-se entrevistar/conversar com a maioria do corpo docente que compõe esta escola.

### 3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Observação participante, diário de campo e aplicação de questionários.

### 3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados aqui apresentados são resultado de uma pesquisa quantitativa, realizada por meio de aplicação de questionários aos professores indígenas e não-indígenas que trabalham na Escola Indígena. Foram entregues 14 questionários, dos quais retornaram apenas 12. Como pode ser observado no apêndice “A” deste trabalho, o questionário foi construído com base em questões de múltipla escolha que foram complementadas com espaço



aberto para que os professores pudessem justificar suas respostas. Dos professores que responderam os questionários, 8 são não-indígenas e 4 são indígenas.

Na primeira pergunta os professores foram questionados sobre a relevância das metodologias diferenciadas no processo de ensino/aprendizagem e todos responderam que consideram muito importante a utilização dessas metodologias. Ademais, todos os entrevistados também responderam que fazem uso de metodologias diferenciadas em suas aulas, e citaram como exemplo a utilização de rádio, uso de internet e saídas de campo.

Em contrapartida, quando perguntados se utilizam metodologias capazes de aproximar os conteúdos trabalhados em sala de aula, com a cultura indígena e os conhecimentos tradicionais dos alunos indígenas, 8 professores falaram que utilizam frequentemente atividades voltadas para a cultura indígena, principalmente saídas a campo nos espaços da aldeia, visitas a casa de reza, ao lago, reconhecimento da fauna/flora, entrevistas com as lideranças, filmagens, e destacam que o maior esforço está em relacionar os conteúdos com as questões culturais. Por exemplo: ao ensinar os alunos sobre nutrição, o professor pode buscar exemplos de alimentos consumidos na aldeia, bem como dos hábitos alimentares da cultura indígena, se possível, visitar alguma família e preparar uma comida tradicional, para que os alunos tenham conhecimento do valor nutritivo dos alimentos que costumam comer no cotidiano.

A última pergunta do questionário objetivou saber sobre as maiores dificuldades encontradas no uso de metodologias que relacionam o conteúdo escolar com a cultura indígena no processo de ensino/aprendizagem.

Todos os professores entrevistados responderam que sentem dificuldades em utilizar metodologias diferenciadas em suas aulas, principalmente metodologias que possam auxiliar num modo de ensinar que contemple os aspectos culturais da cultura indígena. Deste modo, as principais dificuldades apresentadas foram as seguintes:

- Dificuldade com a língua materna dos alunos.
- Poucos equipamentos eletrônicos na escola.
- Precariedade dos equipamentos eletrônicos.

- Falta de apoio da gestão escolar frente a metodologias diferenciadas
- Falta de conhecimento da cultura indígena por parte da equipe escolar.
- Falta de materiais pedagógicos.
- Falta de materiais didáticos específicos para a cultura indígena.
- Engessamento da legislação escolar.
- Falta de tempo, devido à necessidade de passar os conteúdos exigidos no prazo determinado.
- Desconhecimento ou falta de preparação para o uso de metodologias diferenciadas.

A respeito das dificuldades citadas pelos professores, percebe-se que a falta de recursos é um dos maiores problemas enfrentados na escola pesquisada, o que se torna um grande prejuízo na qualidade das aulas ministradas que muitas vezes se tornam monótonas e até mesmo inconsistentes uma vez que o uso de materiais tecnológicos é fundamental à abordagem de alguns conteúdos, porque através da exibição de imagens, documentários, jogos os alunos podem acessar o conhecimento com mais facilidade. A tecnologia é uma ferramenta importante no uso de metodologias diferenciadas, e pode contribuir muito com a aproximação entre conteúdos escolares e saberes indígenas, se os professores planejarem suas aulas com base em pesquisas sobre os saberes indígenas, podendo encontrar muito material interessante disponível na internet e colocar esses conhecimentos em rede, com o que está sendo ensinado em outras escolas indígenas de diferentes etnias brasileiras.

A respeito de dificuldades como falta de conhecimento, falta de apoio da gestão escolar, entende-se como fundamental a predisposição de toda a equipe escolar, principalmente dos professores não indígenas, em buscar conhecimento sobre o projeto de educação indígena, sabendo que estará trabalhando em uma escola diferenciada, com alunos diferenciados, que possuem uma língua própria e saberes tradicionais muito diferentes, conhecimentos estes que precisam ser inseridos no cotidiano escolar e valorizados como modos legítimos de conhecimento.

Uma ferramenta importante para suprir essa necessidade de falta de preparação dos professores atuantes em escolas indígenas são os cursos de formação continuada que podem ser aproveitados como um espaço de estudo e debates sobre os saberes indígenas, bem como sobre as metodologias mais eficientes para trabalhar com os alunos indígenas, podendo funcionar como um espaço de troca de experiências no qual se busca entender o que não deu certo e os motivos, bem como pensar sobre novas possibilidades metodológicas.

O artigo 7º da resolução CEB (câmara de educação básica) nº 3, de 10 de Novembro de 1999 que fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas, destaca que:

Os cursos de formação de professores indígenas darão ênfase à constituição de competências referenciadas em conhecimentos, valores, habilidades e atitudes, na elaboração, no desenvolvimento e na avaliação de currículos e programas próprios, na produção de material didático e na utilização de metodologias adequadas de ensino e pesquisa.

Este artigo refere-se aos cursos de formação para professores indígenas, no entanto pode-se estender este texto aos cursos de formação que acontecem nas escolas e a toda a equipe escolar, de modo que todos os professores tenham acesso às discussões sobre educação indígena, podendo colocar em prática nas suas aulas técnicas de ensino que não se preocupem apenas com aprendizagem dos conteúdos escolares básicos, mas com o modo como os alunos estão acessando este conhecimento e a relação entre a educação escolar e os saberes tradicionais indígenas.

Por fim, destaca-se a responsabilidade dos órgãos públicos em relação às escolas indígenas, pois é de fundamental importância e urgente que os órgãos responsáveis se comprometam com um diálogo constante com as populações indígenas, ouvindo suas demandas e abrindo espaço para que seja possível fazer uma educação verdadeiramente diferenciada e indígena, respeitando o tempo, o espaço, a língua, as cosmologias, as metodologias e tudo que se relaciona à cultura dos povos ameríndios, entendendo que é possível sim colocar saberes em diálogo, sem hierarquias, ou sem privilégios de um tipo de conhecimento em detrimento de outros.

#### **4 COMENTÁRIOS FINAIS**

Buscou-se problematizar brevemente o conceito de infância, apresentando outras possibilidades de existências e outros modos de vivenciar a infância, bem como outras possibilidades de compreensão deste período da vida, que não aqueles engessados em concepções ocidentais modernas, por exemplo, um olhar sobre a infância indígena.

Nesse sentido, partindo da ideia de que os alunos indígenas compartilham esses outros modos de existência, ou seja, vivenciam uma infância autônoma e livre, levando-se em consideração também que são falantes de sua língua materna indígena e que somente vão aprender a língua portuguesa na escola, entende-se como fundamental que seja feito um esforço por parte dos professores e de toda equipe escolar em utilizar-se metodologias diferenciadas que possam contribuir com o aprendizado dos conteúdos básicos, mas que também contemplem a língua e a cultura indígena.

Nas entrevistas realizadas com os professores da Escola Estadual Indígena, através da aplicação de questionários, percebeu-se que todos os professores compreendem a necessidade da utilização dessas metodologias diferenciadas, mas que na prática uma série de fatores, como falta de recursos tecnológicos, engessamento da legislação em relação às demandas indígenas, falta de apoio da gestão escolar, entre outras questões que possam dificultar e até barrar a utilização dessas metodologias.

Por fim, destaca-se a necessidade de se repensar a educação indígena, principalmente por parte dos órgãos públicos responsáveis, para que sejam criadas novas organizações curriculares e um novo modo de se fazer educação que parte das perspectivas e demandas dos próprios indígenas, respeitando-se a língua, a cultura e a religiosidade dos povos ameríndios e não apenas que sejam feitas adaptações culturais, como ocorre atualmente.

## 5 REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersen Luciano dos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade LACED/Museu Nacional, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>/Acesso em: 29 de abril de 2018.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CODONHO, Camila (2009) “**Entre brincadeiras e hostilidades: percepção, construção e vivência das regras de organização social entre as crianças indígenas galibi-marworno**”, Revista Tellus, ano 9, n.17, p.137-161.

COHN, Clarice (2000) “**Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá**”. In: Revista de Antropologia. São Paulo: USP, , vol.43, n° 2, pp. 195-222.

COHN, C. Notas sobre a escolarização indígena no Brasil. DCSO/UFSCar. (s/d). Disponível em: <http://www.acoesafirmativas.ufscar.br/escollndClarice.pdf> Acesso em: 20 de março de 2018.

FERNANDES, Florestan [1946] (2004) “**As trocinhas do bom retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis**” In Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo, São Paulo: Martins Fontes.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias**. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/6474>. Acesso em: 15 de abril de 2018.

SECAD, C. (2007). **Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.** *Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília.*

TEODORO, Nilce Mara. **Metodologia de Ensino: uma contribuição pedagógica para o processo de aprendizagem da diferenciação.** 2010. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2234-6.pdf> Acesso em: 02 de fevereiro de 2018.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA DOCENTES

Pesquisa para a Monografia da Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – EaD UTFPR, por meio de um questionário, objetivando Compreender as metodologias utilizadas por professores indígenas e não-indígenas na Escola Estadual Indígena Teko Ñemoingo.

Local da Entrevista: \_\_\_\_\_ (Cidade/Escola) Data: \_\_\_\_\_

### Parte 1: Perfil do Entrevistado

Etnia: ( ) Ava-guarani ( ) Não indígena

Organização: ( ) Ed. Infantil ( ) Ens. Fundamental ( ) Ens. Médio

### Parte 2: Questões

1. Você considera o uso de metodologias diferenciadas no processo de ensino/aprendizagem:

( ) Sem importância

( ) Pouco importante

( ) Importante

( ) Muito importante

2. Você costuma utilizar metodologias diferenciadas em suas aulas?

( ) Sim

( ) Não

Se sim, cite um exemplo de metodologia que você mais utiliza em suas aulas:

---

---

Se não, justifique sua resposta:

---

---

3. Você utiliza metodologias capazes de aproximar os conteúdos trabalhados em sala de aula, com a cultura indígena e os conhecimentos tradicionais do seu aluno?

( ) nunca utilizo

( ) raramente utilizo

( ) utilizo com frequência

Se **sim**, cite um exemplo desta metodologia:

---

Se **não**, justifique sua resposta:

---

---

4. Você sente dificuldades em utilizar metodologias capazes de aproximar os conteúdos trabalhados em sala de aula, com a cultura indígena e os conhecimentos tradicionais do seu aluno?

( ) Sim

( ) Não

Se **sim**, quais as maiores dificuldades?

---

---

Se **não**, justifique sua resposta:

---

